

Fernando J. P. Neme

Casos  
para  
Causos

Brasil – 2010

 **icone**  
editora

© Copyright 2010  
Fernando José Passarelli Neme

**Projeto Gráfico de Capa e Diagramação**  
Richard Veiga

**Revisão**  
Isaías Zilli

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor. (Lei nº 9.610/98)

Distribuído pela:

**ÍCONE EDITORA LTDA.**

Rua Anhanguera, 56 – Barra Funda

CEP: 01135-000 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

[www.iconeeditora.com.br](http://www.iconeeditora.com.br)

[iconevendas@iconeeditora.com.br](mailto:iconevendas@iconeeditora.com.br)

Ao meu pai,  
o mais fiel e constante amigo, e  
aos companheiros do caminho,  
que se tornaram meus irmãos.

Aos caminhantes dessa estrada que atravesso e  
em que registro nossa amizade; juntos aprende-  
mos a chorar e a rir, a dizer coisas impúblicáveis  
e a rezar, a fazer besteiras e esperar o remorso  
consertar e, principalmente, plantar a felicidade.



# Índice

## Primeira Parte – Uns Acontecidos, 9

- Novos rumos, 9
- Adamastor, 12
- Sombras, 13
- Joelho, 15
- Acontecimentos, 16
- Barranco, 17
- Sensibilidade, 18
- A troco de balas, 19
- Bate-papo, 20
- Bombeiros, 22
- Abdicar, 24
- Cachorrão, 25
- Direito ambiental, 27
- Entes lendários, 28
- Estimação, 30
- Latas coloridas, 31
- Maratona, 33
- Na geladeira, 35
- Paredes, 37
- Nepal, 39
- Óbvio, 41

Silêncio, 42  
Sinceridade, 46  
Sujeiras, 48  
Tecnologia, 50  
Telhado, 51  
TV de LCD, 53  
Zoeira, 54  
Brincar, 56  
Princípios, 59  
Viola, 61  
Vivenciar, 64  
Receita, 65  
Cadeado, 66  
Em revista, 67  
Olhos verdes, 69  
Na rodoviária, 71  
Impasse, 72  
Friagem, 73  
Porta de vidro, 74  
Aquecedor, 76  
Titia, 77

## **Segunda parte – Naquelas horas, 78**

Diversidades, 78  
Altitude, 80  
Download, 82  
Hashi, 84  
Cantata, 85  
Rotina, 87

## **Terceira parte – Fazendo diferença, 88**

Por que não?, 88  
Atitude, 91  
Iniciativa, 92  
Resumo, 95

# Primeira Parte

## Uns Acontecidos

### Novos rumos

São seis horas da manhã, do dia sete de março de dois mil, no Vale do Matutu, na cidade de Aiuruoca, em Minas Gerais. O sol começa a aparecer deixando as nuvens avermelhadas. Na baixada, alguns pontos brancos passeando rente ao solo, como chumaços de algodão sobre a relva. Em volta uma vegetação verde, em todo seu esplendor de tonalidades. Os pássaros ainda quietos e com preguiça no frio da manhã. Neste mundo paralelo, quatro dias se passaram sem notícias de fora. Meio propício à interiorização e ao desligamento necessário, para respirar a paz. Os antigos ensinavam encontrar a felicidade na harmonia entre o pensar, o falar e o agir.

Por todo o vale sobem as brumas ao encontro das irmãs nuvens. Estrada divina de campos margeados de bosques, protetores das cachoeiras do rio da vida. O trabalho recomeça com um jovem levando suas vacas ao pasto após a ordenha. Na volta, separar o leite, preparar queijos e manteiga, para depois cuidar da roça. Viver é simples assim.

O nevoeiro formado na estrada chega no topo do monte e se mescla aos primeiros raios de sol, manchando o azul numa tonalidade branco-dourado, ofuscando quem olha. Nos altos e baixos desta estrada, o recomeço é sempre difícil e angustiante. Surge a maravilhosa estrela amarela mudando o céu. À rede mais frontal do terraço, seus raios trazem imediato calor. O frio da noite pelejará muito contra esta

brisa quente do dia, até o reencontrar da vontade do abraço no reino da lua. O homem é quem traça seu destino.

Todos os pássaros começam a cantar e logo estarão em revoada. O som da cachoeira distante, que reinava absoluto, agora é música de fundo. Bem no início da sensação de angústia, o brilho acalora o coração trazendo ânimo. Esperança e pensamento positivo são as melhores ferramentas para trabalhar essa obra.

Amor persistente é a maior energia da criação. Presas nas ilusões do ego, as pessoas teimam em permanecer, não confiando na entrega. Viver intensamente é ato de formação. Simplicidade é ato de sabedoria. Moderação é regra na conduta. Domar a natureza animal é desenvolvimento humano. Plante vida sem esperar os frutos.

O medo do sol a pino te leva a buscar sombras e esta virada descortina o inverso. Serás perseguido primeiro por ti mesmo e, depois, pelo entorno que te assusta e vende falsas proteções. No caminho da Luz a penumbra fica para trás.

As pedras devem ser vencidas andando descalço, com coragem otimista e gênio pacífico, sabendo aceitar as pontas que cortam, agradecendo os ferimentos sofridos e vigiando o constante estar adiante da escuridão. Nossos amigos são a verdade, a ação correta, a paz de espírito, o amor verdadeiro, a não violência. Que água boa, alimento puro, ar saudável e oração sejam suficientes, pois o que vier a mais, é poluição.

Os intrusos na paisagem devem ter ânimo no trabalho pela integração com a essência da Natureza. Repara na beleza criativa do nascimento. Traga a energia do amanhecer e deixa morrer o poente. Sente o vento sul trazendo nuvens carregadas de chuva, alimento e seiva das plantações. Atenta para a impressionante quantidade de coisas, que acontecem. Que o exterior bucólico seja dinâmico de vida. A nuvem passa, o sol se dirige ao ápice, a água regateia até formar um rio maior, pássaros voam, cantam e se alimentam, os insetos lutam, o orvalho evapora, as plantas vivem e se desenvolvem, os residentes encontram a paz, uns porque dormem e outros porque já estão

trabalhando. E a flor sintetiza todo o poder, sabedoria e beleza, em especial aquela de cor viva, cercada de pares rosas, roxas, amarelas, brancas, violetas, salmão, muitas outras tonalidades e ela a única vermelha no jardim colorindo sabedoria, sustentada numa raiz forte. Fundação: tudo parte daí.



# Adamastor

O Adamastor, já senhor de meia-idade, era o filho mais velho de uma família de seis irmãos nascidos no campo; com a vida bem cedo lhes tirando o pai, foram viver na cidade. O tempo passa e, com o falecimento de sua mãe, o peso da casa desaba em suas costas, o tornando responsável pela criação dos cinco irmãos ainda jovens; mas, homem de fibra, não se abateu na luta e o tempo do sacrifício valeu a pena, encaminhando a todos nos estudos e nos ofícios.

Uma questão que o intrigava era a tamanha diferença entre o jeito de ser e viver no campo e na cidade. Principalmente, como a fartura gratuita de um era tão limitada e dispendiosa no outro, em especial as flores.

Esse menino cresceu sempre presenteando sua querida mãe com arranjos de buquês. Sempre fez questão de escolher e colher a composição entre cercas e muros, no trajeto de volta da escola para casa. Hábito este arraigado e perpetuado com muito gosto.

Nesta época de casas com muros altos e suas calçadas sem árvores, ele continua a coleta pelos vasos no cemitério, para ao final depositar a composição na campa, última morada de seus pais.

O tempo passa até o dia do carregar dois ramalhetes, especialmente lindos. O primeiro foi depositado no lugar de costume. O outro levava, feliz, àquela que se tornara sua namorada.



# Sombras

Éra tarde da noite e aqueles amigos ainda tinham juvenis energias para gastar. Na fazenda Jandaiaibinha, no centro-oeste paulista, numa semana de lua nova, os destemidos caçadores de saci se preparam para desmembrar pastos, armados de lanternas e canivetes, com garrafas de vidro e tampa, mais as iscas próprias que são doces de abóbora e paçoca.

Vinte e quatro horas antes, haviam vivido uma experiência fantástica com as entidades. Passada a hora do silêncio, ainda faziam barulhos no quarto. Após três broncas seguidas de dona Santinha, enfim, vão dormir. No escuro do sono, o Cenoura levanta bravo e acende a luz reclamando: quem tinha passado a mão molhada em seu rosto? Mas todos estavam deitados. Segundos depois, o Zizito repete a cena, com o mesmo desfecho. Minutos se passam e os quatro amigos se levantam na mesma hora, com os rostos molhados e o enigma sem solução. Resolvem dormir quietos.

De madrugada, todos na casa foram acordados pelos latidos do canil, mais um vento ruidoso e barulhos pela sala. Os garotos na porta do quarto, com canivetes nas mãos, veem o Sr. Petrônio, dono da fazenda, com uma espingarda em punho e, logo atrás, Seu Alves, pai do dono e avô do Cenoura, portando taludo facão, e saem para ajudar no que der e vier. Junto à porta de um quarto, mulheres e meninas acompanham a cena dos homens em estado de tensão, naquela casa térrea, com dependências grandes das fazendas antigas. Cada um dos cinco quartos encontrava a sala de estar e esta formava um “L” com a de jantar, que se confundia com a cozinha, sem parede alguma; no fundo a entrada era por uma porta de correr, feita de madeira maciça daqueles tempos de então, em que foi instalada no próprio batente: uma proteção para evitar insetos intrusos. A porta telada era do tipo “vai e vem”, que só fazia o movimento completo se a de correr estivesse totalmente aberta. Nesse abrir e fechar, as molas rangiam e o constante barulho era a certeza da presença de alguém, com a vantagem da visão, chamando pela reação cega dos de dentro. Os homens corajosamente se espalham cozinha adentro batendo de frente com

uma porta fechada e ouvindo o movimento das molas. Ao saírem soltam os cães que correm para a porta da cozinha e ficam avançando no ar, ao som das engrenagens rangendo mesmo com a porta telada imóvel. O mistério entre céu e terra é muito maior que nosso entendimento.

Na manhã seguinte, os garotos passam a investigar o ocorrido procurando pistas. Entrevistam colonos, peões e o administrador. Visitam vizinhos e chegam à sábia conclusão de ser obra de saci: iriam engarrafar o danado.

Na hora combinada, Cenoura, Naco, Zizito e Xin se embrenham na escuridão, à busca da presa. Munidos de pequenas lanternas ponteiam o breu, margeando o paiol de milho e suas ratazanas assustadoras. No cercado vizinho, o cavalo reprodutor incomodado bufa. Atravessam o estábulo, com as vacas leiteiras repousando seguras no barracão de madeira. Passam pelo pomar, varando o farpado e entrando no pasto. Nos pontos escolhidos colocam garrafas de bojo grande e gargalo pequeno, presas em suportes, com a isca dentro para o saci pegar e tombar a armadilha até uma tampa de metal, deixando-o preso.

Vão seguindo pela pastagem, quando, num relance de susto, aparece um clarão de fogo. Não contavam com a mula-sem-cabeça no encalço; e sem as garrafinhas de água benta, para apagar as mazelas desta, se puseram a correr sem mais poder.

O Xin, que morre de medo da Conga, a mulher gorila dos circos de lona, é o primeiro a sair em disparada, largando suas diversas lanternas pelo caminho; e em voo rasante tenta cruzar a cerca de arame farpado, para estancar enrolado, suspenso no ar; e berra de pavor. O Naquinho corre a se proteger no mangueirão, mas seu pulo de entrada é tão desproporcional e trôpego, que cai na esterqueira que tal qual areia movediça, o imobiliza, fedendo e tremendo. O Cenoura, correndo apavorado, vai sentido contrário da sede, parando quase junto à rodovia e gritando por resgate. O Zizito corta o caminho a nado pelo açude, esbaforido na saída é atacado pelos gansos residentes.

Esses garotos cessam, assim, a passagem pelos mistérios sobrenaturais, aprendendo a respeitar o sossego das protetoras entidades.

# Joelho

Está terminada a cirurgia de joelho feita com a mais nova tecnologia. Nos pós-operatórios, além de ministrar os necessários cuidados para restabelecimento e remédios, têm os médicos de hoje à disposição uma série de outros itens acessórios. Por exemplo, uma cópia gravada da operação em dvd. Filme para assistir em casa, sentir nojo e não entender nada. É a tal da modernidade e seus excessos de informação. Aquela lembrança neste globo frio e vazio não pode faltar e é a necessidade de ter, para acalantar um âmago pedinte. Acompanhe o fenômeno dos telefones celulares, com máquinas fotográficas digitais embutidas, capturando as emoções “para sempre”.

Junto com o dvd foi enviado o pedaço do menisco lesionado e recém-operado. Idêntico àquelas borrachas de cor creme usadas na vedação das latas de molho de tomate, porém mais chata, larga e maior. Atualmente ganhamos pequenos frascos com miomas, sistos, pedrinhas e outras esquizitices, sem manual de utilidade e nem como ou onde descartar.

Cito o famoso caso do cidadão operado das hemorroidas; na alta do hospital, sua esposa, é lógico, leva o souvenir para casa. Passados alguns meses, o dito regalo continuava na prateleira de ovos da geladeira, até o dia da final do campeonato estadual. Com todos festejando a vitória, um mais empolgado vai ao refrigerador e volta trazendo um petisco diferente: couve-flor na conserva.

